

LITERATURA E SOCIEDADE: Ficção, opressão e realidade na obra

O Quinze de Rachel de Queiroz

Juliete do Nascimento Valero¹

Resumo: Este artigo tem o escopo de estudar e analisar a obra *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, com o propósito de verificar o reflexo da realidade que transformaram em retirantes seus personagens. O estudo de um fenômeno da literatura como *O quinze* em sua relação com a História no Brasil, em certo momento do século XX, reflete a vida seca do homem sertanejo, não nos desviando de outra questão paralela ou derivada da primeira: a identidade regional. Para atingirmos o objetivo expresso acima, realizamos pesquisa bibliográfica, acolhendo as conclusões de pesquisadores sobre a obra e analisamos o *corpus* literário. Os resultados do estudo apontam questões da criação literária que necessitam de um olhar peculiar do leitor e de uma conscientização política e social, sobre a problemática da fome e da seca. Contribuiremos com a análise da obra em tela, demonstrando os aspectos mais importantes e inerentes da vida de imigrantes que se refugiam em outros estados à procura do pão. *O quinze* retratou uma problemática da realidade brasileira que atinge a vida não apenas do homem sertanejo, mas de todos que vivem esse drama social.

Fugindo da seca de 1915 com sua família, Rachel de Queiroz, resolve se mudar para o Rio de Janeiro. Escritora e romancista que com sua dedicação e sensibilidade apresentou com transparência e veracidade a história dos retirantes do nordeste brasileiro. Nasceu em fortaleza, Ceará, no dia 17 de outubro de 1910. Aos 19 anos inicia-se seus primeiros escritos se dedicando ao seu primeiro romance literário de cunho social que descrevia a miséria provocada pela seca de 1915. Ao se tornar nacionalmente conhecida e seu trabalho mais requisitado tornando-se a primeira mulher a ser eleita para a Academia Brasileira de Letras. Rachel de Queiroz tornou-se uma das maiores escritoras da literatura brasileira. Faleceu em 4 de novembro de 2003.

Palavras-chave: Ficção. História. Sociedade.

1. Introdução

A seca no Nordeste e o sofrimento que decorre dela como a aridez do solo e a fome são temas recorrentes em na obra *O quinze* (1930) que é objeto de estudo neste artigo. Rachel de Queiroz nasceu no Ceará no ano de 1910 e se tornou habitante de uma fazenda localizada em Quixadá, no sertão cearense. “A própria família de Rachel foi obrigada a deixar o sertão em 1917, rumo ao Rio de Janeiro, movida pelos horrores da seca” (ARAÚJO, 2009, p. 4).

O sofrimento e a dor do nordestino que vê sua identidade manchada pela necessidade de sair de sua terra de origem em busca de sobrevivência no sul é aspecto que transpassou *O*

¹ Graduanda do 8º período do Curso de Letras- Português, da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, sob a orientação do professor Dr. João Batista Cardoso.

quinze e se tornou seu tema dominante. Neste caso, podemos afiançar que o tema da obra, mais que o simples relato de uma travessia ou de uma retirada em direção ao sul é a opressão. Eis aqui nossa primeira e mais fundamental hipótese que buscaremos demonstrar ao longo do estudo.

A obra em tela contextualiza-se, em termos geográficos, no nordeste do Brasil e, no que tange ao momento histórico, é um reflexo do início do século XX, cuja problemática motivadora foi a dinâmica dos retirantes nordestinos em direção ao sul, buscando pão e dignidade. No caso específico de Rachel de Queiroz, Araújo (2009, p. 4) assevera que “A temática da seca certamente é um assunto bastante comum na sua vida”, pois nasceu em um espaço no qual a aridez do solo e a exploração do homem produz indivíduos que se veem às voltas com a falta de alimentos e de perspectivas.

A hipótese citada acima se articula ao fato de que entendemos ser *O Quinze* um dos mais emblemáticos livros da literatura brasileira do século XX. Ele mostra famílias que vivem a seca e o sofrimento que ela provoca, retratando as condições precárias de indivíduos que sentiram as mazelas da grande seca de 1915, fatos que a própria escritora assistiu em sua infância.

Considerando que tem movido a sensibilidade de escritores e intelectuais em geral. O texto literário apresenta registros de experiências sociais vividas pelas personagens de ficção se confundindo com enredos vivos de indivíduos que viveram na sociedade nordestina. Dentre esses escritores sobressai-se a pujante produção literária de Rachel de Queiroz.

Essa abordagem está de acordo com Candido (2006, p. 23), visto que, para ele, “a arte exprime a sociedade”. Podemos ir além da postulação de Candido, já que entendemos que a literatura é um reflexo não apenas da sociedade, como também do universo histórico-social com todas suas mazelas e suas alternativas de superação das contradições.

De viés realístico, o romance emprega a religiosidade como um aspecto da identidade desses indivíduos citados acima, conforme se verifica nas ações de D. Inácia e sua filha Conceição.

Por último, buscaremos demonstrar a hipótese de que o homem oprimido é descrito na obra em questão é uma figura típica porque representa a massa dos imigrantes, que, fugindo da seca, da exploração, da vergonha, buscam no sul ou simplesmente longe dali condições de existência que pudessem superar as contradições que os desumanizam, em busca da liberdade e da dignidade. A obra supera seu caráter de regionalidade e se torna universal porque a liberdade é um valor que transcende o espaço geográfico imediato.

Pensando assim, são utilizados referenciais teóricos que nos cercam de reflexões sobre os dramas sociais apontados através da maior forma de expressão, a literatura. Para tanto, acolheremos Candido (2006) que relaciona a literatura à vida social; Coutinho (1976), enunciando o discurso como ato de comunicação social; Barroso (2013), expondo a literatura como experiência humana; Cardoso (2014) com as teorias de White em sua contribuição para a arte literária, ressaltando a relação do texto historiográfico com o texto literário na formação de um caráter clássico.

Esse artigo será composto por quatro tópicos, os quais estão diretamente ligados à obra *O Quinze*. O primeiro trata da relação da história do Brasil com a obra de Rachel de Queiroz; o segundo está relacionado com a identificação da opressão que os personagens passam no sertão nordestino, ressaltando as problemáticas da seca e as situações que a família de retirantes sofre durante sua caminhada para o sul em busca de sobrevivência; e o terceiro será dedicado ao romance regionalista.

Por fim, refletiremos sobre os aspectos sociais e da identidade do homem sertanejo. Partindo desses conceitos visaremos atingir um olhar peculiar e crítico do leitor, fazendo com que o mesmo perceba o significado social da obra literária.

2. *O quinze* e sua relação com a História no Brasil

Em termos sociológicos e políticos, no início do século XX — que foi a época histórica de ambientação da obra *O quinze*, conforme já mencionado neste artigo — o Brasil era formado por uma sociedade, em que se destacavam uma classe dominante em termos econômicos e políticos, formada pelos coronéis e ricos fazendeiros; uma classe média, composta, sobretudo, de imigrantes europeus e asiáticos e a classe dos desvalidos, os sertanejos que se viam na contingência de um exílio forçado na condição de retirantes em direção ao sul.

Profecias populares começaram a indicar que 1915 seria um ano fatídico, marcado por fenomenal catástrofe natural. Experientes quanto a utilização de técnicas tradicionais a fim de descobrir segredos da natureza, os sertanejos começaram a temer pelo pior naquele longínquo ano do século passado.

Não tardou para o nordeste seco se transformar em insuportável recinto no qual a sobrevivência humana, bem como de plantas e animais, estivesse irremediavelmente marcado pela ação implacável da seca. (CARDOSO, 2014)

O ano de 1915 foi, enfim, um ano em que os problemas vividos pelos nordestinos chegaram ao ápice, haja vista o fato de milhares de pessoas migrarem em direção ao sul na busca de condições de sobrevivência.

[...], em 1915 um novo episódio assolou o sertão nordestino. Mais uma vez, a nova seca fez com que diversos nordestinos migrassem para as grandes cidades, porém, ao contrário do primeiro episódio, o governo cearense resolveu se precaver de uma maneira desumana. Desta feita, o governo criou os primeiros currais humanos, campos de concentração em regiões separadas por arames farpados e vigiadas 24 horas por dia por soldados para confinar as almas nordestinas retirantes castigadas pela seca. (CAVALCANTE, 2015)

Na retirada os imigrantes apagavam de sua memória a esperança dando lugar a angustias e sofrimento. “A sensibilização para a ‘causa’ nordestina marca a obra [*O quinze*] e faz dela ainda hoje um clássico da literatura. Num certo sentido procura-se aqui compreender a construção do imaginário do Nordeste pela sociedade brasileira” (ARAÚJO; SOUZA ANSELMO, 2009).

No caso presente, os personagens são entes da vida real, cuja situação dramática transformou-os em indivíduos de uma trajetória mítica pelo território, o que culminou por torná-lo ficcionais, já que sua saga existencial reflete o drama universal da busca da dignidade e da liberdade.

A crítica feita pela autora Rachel de Queiroz remete às medidas políticas e governamentais de ajuda aos nordestinos durante o período da seca no estado do Ceará, Nas palavras de Barreto (2009)

Na seca seguinte, em 1915, o governo do Ceará criou uma espécie de campos de concentração nas margens das grandes cidades para impedir a migração. A fome e a falta de higiene provocaram um quadro trágico. "Eram locais para onde grande parte dos retirantes foi recolhida a fim de receber comida e assistência médica. Não podiam sair sem autorização dos inspetores do campo. Ali ficavam retidos milhares de retirantes a morrer de fome e doenças", relata a professora Kênia Rios, doutora em História pela Pontifícia Universidade (PUC) de São Paulo. (BARRETO, 2009)

A forma pela qual o Estado do Ceará abordou a população para que não houvesse uma fuga em massa para o sul do Brasil abalou negativamente o povo que já vivia uma situação de miséria e fome causadas pela seca.

O assunto que se refere ao conflito dramático da seca do nordeste e de suma importância, pois os problemas sociais citados são vivenciados não apenas nos enredos literários, mas no cotidiano de pessoas concretas que vivem à margem das políticas sociais, sem que se tornem objeto de preocupação por parte dos governantes.

As razões apontadas são suficientes para indicar a urgência do presente estudo e seu valor para enriquecer os conhecimentos literários em geral e sobre Rachel de Queiroz em particular. Candido (2000), em seu livro intitulado **Literatura e sociedade**, afirma que

A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a uma praxis socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da ilusão e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão de mundo (CANDIDO, 2000, p. 49).

A literatura racheniana tem como objeto as mazelas da fome e da seca. A ficção não difere da realidade, uma vez que há pessoas que ainda se deslocam para outras áreas à procura de trabalho e melhores condições de vida.

Em uma época lamentável o sertão nordestino enfrenta mais uma seca, as plantas estão morrendo, a escassez da chuva impossibilita o plantio e a colheita, conseqüentemente não há como alimentar o gado e as famílias humildes, para sobreviverem, devem emigrar para outras regiões.

A inserção da história na obra é vista, neste estudo, sob um prisma sincrônico, pois a obra em tela resultou de um enfoque estético que privilegia os dados cotidianos como recursos para mostrar os problemas de uma época. Mas essa inserção e essa identidade, enquanto objetos de estudo, não podem fugir a um olhar diacrônico, dado que a literatura é um devir e apresenta claras e definidas relações só explicáveis em sua evolução temporal. São dois olhares que se complementam. Enquanto uma visão sincrônica privilegia o fenômeno em sua manifestação espacial e, portanto, horizontal, a visão diacrônica entende o problema sob uma dinâmica vertical.

As duas direções esboçadas no parágrafo anterior pedem dois métodos para a abordagem do fenômeno descrito neste projeto. Um estudo que analisa a forma do diálogo intratextual estabelecido pelos aspectos internos constitutivos da obra em questão articulado à maneira como se dá a interação inter e extratextual, o diálogo interno entre os elementos do texto e entre este e o mundo. Ver-se-á, portanto a inserção da História na ficção e vice-versa, porque esse tipo de abordagem parte do princípio de que o texto deixou de ter vida própria e passou a se alimentar dos elementos de seu contexto imediato e remoto.

3. Marcas da opressão

Ao analisarmos a obra percebemos que a função literária apresenta aspectos sociais que servirão de reflexão para os leitores, a fim de que eles tenham uma visão expressiva no que diz respeito à realidade que se constrói através das abordagens ficcionais das situações espelhadas no verossímil. Nas palavras de Ferreira (2009) sobre a realidade do nordestino na época abordada no livro.

É visível que o cotidiano dos trabalhadores era de jornadas de fome, a alimentação era insuficiente diante do esforço físico dos operários, que recebiam pouco e ainda dividiam o que possuíam com os numerosos familiares. Se a marcha nas obras era marcada pela fome, o dia-a-dia dos familiares era ainda mais. Os retirantes que não conseguiam ocupação esperavam pela assistência obtida através do trabalho dos parentes, já que longe do núcleo urbano ficava complicada a recorrência à caridade pública. Então, para os que não conseguiam serviço, só restava aguardar pelo parco auxílio que seria levado para casa. (FERREIRA, 2009, p. 8)

Para chegarmos a bom termo no trabalho de análise do *Quinze* em sua relação com o contexto, estudamos obra, evidenciando os personagens em seus conflitos e sofrimento derivados do convívio com a seca no sertão nordestino. Além disso, colocamos em pauta de discussão a trajetória dos seres sofredores em busca de sobrevivência num meio hostil, devido a condições meteorológicas e à exploração do homem; isso os leva a se tornar personagem de uma gesta sem fim em busca de outras terras, onde a vida seja mais amena; por isso, listamos os aspectos sociais e existenciais que transformaram o personagem em retirante.

Mesmo nesse ambiente hostil, trouxemos ao lume a fraternidade como um valor humano universal que contribuiu para solidificar a identidade do retirante, por meio da descrição de ações específicas de certos personagens. Por último, estudamos a interação entre a obra, como obra literária, com a historiografia que relata sobre a opressão do homem premido entre a seca e a exploração dos mais fortes.

A ficção minuciosa de Rachel de Queiroz revela semelhanças da realidade vivida em 1915 e da verdade que vai de encontro ao povo que vive essas situações precárias atualmente.

“A obra é um romance de fundo social em que aproveita observações da seca de 1915, e o qual teve grande repercussão, projetando o seu nome, situando-a como pioneira no ciclo do romance nordestino”. (COUTINHO e COUTINHO, 1986, p. 279)

O quinze é uma trajetória que se passa em dois momentos, mas aos poucos vão se desfazendo, dando lugar aos encontros inesperados dos personagens. A primeira parte, o

enredo afetivo de Conceição e seu primo Vicente, o amor entre os dois não se concretiza, pois apesar de gostar muito de seu primo, Conceição, moça estudada e professora, não consegue se envolver na vida rural e simples do rapaz rude do campo; e na segunda parte do enredo, temos a situação precária e sofrida da família de Chico Bento, sua esposa Cordulina, os cinco filhos e sua cunhada Mocinha.

O enredo dramático já se inicia com uma situação opressora na qual os mais fortes tomam as decisões. O Vaqueiro Chico Bento compartilha com sua esposa a leitura de uma carta em que se lê:

“Minha tia resolveu que não chovendo até o dia de São José, você abra as porteiras e solte o gado. É melhor sofrer logo o prejuízo do que andar gastando dinheiro à toa em rama e caroço pra não ter resultado. Você pode tomar um rumo ou, se quiser, fique nas Aroeiras, mas sem serviço da fazenda. Sem mais, do compadre amigo...” (QUEIROZ, 1984, p. 14).

Dona Maroca a proprietária da fazenda Aroeiras, decide soltar a criação de animais, e demitindo o vaqueiro de sua fazenda. Assim, o momento opressor faz com que Chico Bento inicie sua retirada da fazenda, não conseguindo as passagens para viajar, revoltado pela impiedade dos funcionários da agência.

Percebemos desde o início do enredo uma atitude de injustiça social por parte da agência, que só repassava as passagens para quem pagasse mais. O homem premido se vê obrigado a deixar suas raízes, e nem mesmo pôde sair de sua terra com dignidade.

A família de Chico Bento arruma trouxas com algumas roupas, pedaços de carne, um saco de farinha e rapaduras para saciar sua fome durante toda viagem. Ao saírem da fazenda, Chico Bento fecha as porteiras e segue com a esperança de uma nova vida.

Chico Bento, o vaqueiro das Aroeiras, arrasta-se pelo sertão com a família em busca de uma vida melhor - “a eterna luta com o sol, com a fome, com a natureza”, que os expulsa do seu “paraíso”, do sertão que eles amam e onde tem raízes plantadas, apesar dos sofrimentos que a seca lhes impõe. (GOMES, 1976, p. 195)

Durante a viagem em um sol escaldante e poeiras nas narinas, Chico Bento encontra outros retirantes que estavam cortando restos de carnes de uma vaca morta e que por sua aparência estava doente. Chico Bento foi solidário e mediante aos que sofrem a mesma fome que ele, resolve dividir o pouco alimento que trazia com aqueles desconhecidos famintos.

“Chico Bento alargou os braços, num gesto de fraternidade: - Por isso não! Aí nas cargas eu tenho um resto de criação salgada que dá para nós. Rebolem essa porqueira pros urubus, que já é deles! Eu vou lá deixar um cristão comer bicho podre de mal, tendo um bocado no meu surrão. / Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não haverá de deixar esses desgraçados roerem osso podre” (QUEIROZ, 1984, pg-28).

A opressão se manifesta por meio dos momentos angustiantes e sofridos da caminhada da família em direção ao sul, e a cada passo que a família dava a dor da fome e da perda se apresentava mais perversa e árdua. Mocinha, resolve não seguir com a família, mesmo sabendo das dificuldades que iria enfrentar, resolve ficar para trabalhar em uma estação ganhando abrigo e o pão. Mocinha precisava escolher entre o trabalho ou a fome.

Cordulina, com a trouxa na cabeça e o caçula em seus braços, esmorece e cai, a fraqueza interrompe suas forças e o sol esquentava seu corpo magro e cansado. A família vivenciam outras aflições, quando seu filho Josias, com muita fome, distancia-se do grupo e percorre plantações em busca de uma raiz para se alimentar, O menino desnutrido arranca do solo seco e árido uma mandioca, envenenando-se.

"Lá se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai. Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz." (QUEIROZ, 1970, p. 70)

Com essa perda a família de Chico Bento depara-se com a desilusão. Dias se passam, e nem uma gota de chuva cai para saciar a sede dos retirantes.

Diante de tanta miséria, a família começa a lutar pela sobrevivência com as poucas forças que ainda restam. Chico Bento precisou passar por cima de sua honestidade e mata uma cabra de outra pessoa, pensando simplesmente em alimentar sua família e proporcionar a ela forças para a caminhada. O dono da cabra ,não satisfeito com o furto, exige a cabra de volta, e Chico Bento implora para o opressor. “– Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi para eles que eu matei! Já caíram com a fome” (QUEIROZ,1984, p. 66). Porém o dono da cabra se nega a sequer um pedaço da carne, Chico Bento pede as tripas do animal, e Cordulina prepara as tripas sem cor e sem sal e o grupo de retirantes se alimenta como se estivesse em sua frente um grande banquete.

Após alguns dias de caminhada exaustiva, mais um filho de Chico Bento distancia-se da família, Pedro desaparece e a família não o encontra mais, não se sabe ao certo a causa que levou o filho de Chico Bento a abandonar sua família. Durante a caminhada à procura de Pedro, chegam à uma cidade em que o delegado da cidade era compadre de Chico Bento, e ,presenciando a situação lamentável da família, o delegado se sensibiliza e compra passagens para a família ir à Fortaleza.

Quando analisamos a família do Chico Bento, percebemos que são pessoas que convivem cotidianamente com o sofrimento e a opressão, que não se referem com os dias de hoje, pois muitas pessoas são forçadas pela necessidade a abandonar as suas raízes e origens para ir ao encontro de melhores condições de vida.

Esses indivíduos oprimidos pelas dificuldades e sofrimento chegam ao ápice de sua jornada. Depois de dias e noites, com os pés calejados e a barriga em constante rumor o grupo de retirantes chega à Fortaleza, cidade em que imigrantes vindos de muitas regiões procuram os campos de concentração para se refugiarem.

Conceição atua nesses campos de concentração, prestando socorros e abrigando os retirantes da seca. A moça de olhar meigo e pensamento caridoso encontra a família, e lhes presta toda ajuda possível. A jovem percebe que Chico Bento não gostaria de permanecer nos campos de concentrações e resolve conseguir passagens para que ele, Cordulina e os três filhos que restavam pudessem ir em busca de seus objetivos em São Paulo. Enquanto a família esperava ansiosamente pelo dia, Conceição convence Cordulina e Chico Bento em deixar para ela terminar de criar e educar o Duquinho, seu filho mais novo. “Que é que se é de fazer? O menino cada dia é mais doente... A madrinha quer carregar pra tratar, botar ele bom, fazer dele gente... Se nós pegamos nesta besteira de não dar o mais que se arranja é ver morrer, como outro...” (QUEIROZ, 1984, p. 101).

Ao conseguirem as passagens para o sul, dadas pelas mãos generosas e afagantes de Conceição, neta de D. Inácia, a família de Chico Bento não mais vive a infelicidade da seca do sertão e os olhos cansados dão lugar a olhos lagrimejados pela emoção e vontade de superar a opressão. A autora, ao encerrar seu enredo, deixa a mercê do leitor o destino final da família de Chico Bento

“Iam para o desconhecido, para um barracão de imigrantes, para uma escravidão de colonos... / Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno.” QUEIROZ, 1984, pp. 113-114)

De modo geral, os ficcionistas retratam, em suas obras, questões sociais, como é o caso de Rachel de Queiroz, cuja obra apresenta o sertanejo e os seus conflitos enquanto indivíduos. “Nesse fundo de desolação que a romancista na febre dos nervos, há vida nos corpos e dor nas almas. Articulam-se os quadros, o cenário atrás torna-se visual a realidade literária.” (GOMES, 1976, p. 195)

A literatura, reflete a vida na sociedade, desta forma, há uma intrínseca relação também entre a ficção e a historiografia. Cardoso (2014, p. 31), em seus estudos afirma que “a literatura utiliza o mundo das possibilidades como objeto de representação, em oposição à realidade concreta que é o objeto da História”. Sendo assim, o fato relatado pela letra historiográfica é real e se apresenta secundado por documentos, enquanto o fato que se apresenta no texto literário não carece de documentação, haja vista que o elemento que semelhante texto carrega tem a possibilidade da repetição em qualquer outro lugar. Como exemplo, a solução encontrada pelo sertanejo de Rachel de Queiroz é a mesma de outros personagens em outras obras literárias da tradição nordestina vinculada à segunda fase do Modernismo, trata-se, no entanto, de solução que pode ser vista em qualquer lugar do mundo, pois a busca de outros lugares à procura de paz e pão tem caracterizado comunidades humanas ao longo de toda a história do homem. *O quinze* enseja uma análise crítica de um aspecto da realidade brasileira. A vida do homem sertanejo necessita de um olhar peculiar.

A ficção minuciosa da autora revela semelhanças com a realidade vivida em 1915 e da verdade que vai ao encontro do povo que vive essas situações precárias atualmente.

Enfim, Rachel de Queirós denuncia os dramas sociais da seca de 1915 que afligiram a vida do povo nordestino fazendo uma análise psicológica de seus personagens regionais e típicos daquela terra, em cada parte do enredo o rosto calado da opressão e da dor eram desenhados pelos traços estilísticos de suas lembranças.

4. Literatura Regionalista

A despeito do regionalismo que caracteriza certos autores que focaram uma região específica em sua obra, Sodré afirma que o “regionalismo revelou o Brasil aos brasileiros, apesar de seus quadros pejados de natureza ou dos entraves da erudição verbalista que proporcionou em muitos casos”. De certa maneira, essa consideração de Sodré diminui a importância do regionalismo, entretanto, Rachel de Queiroz soube superar essa questão quando focalizou a trajetória dos personagens em direção ao sul como uma diáspora em busca de liberdade e dignidade. Neste caso, a procura por trabalho e por pão foi apenas o pretexto para apresentar um homem diminuído em sua humanidade. Sendo assim, o que é regionalismo evoluiu, em sua obra, para o universalismo, haja vista que o afã por liberdade e dignidade é aspecto que move os homens em todos os tempos e lugares.

Na visão de Candido (2006), o regionalismo transcende o nacionalismo pitoresco. Este redundou na literatura empenhada da primeira fase do Romantismo, cujos temas focavam-se sobre um Brasil pitoresco, utópico, com matas e índios pacificados, como forma de demonstrar ao conquistador europeu a possibilidade real de transformação do país em nação livre. Candido (2006) enfatiza, ainda, que o regionalismo tem como características a focalização sobre os problemas sociais do nordeste. Trata-se de uma vertente literária que marcou espaço na segunda geração do Modernismo, também denominada de geração de 30. Nesse caso, a literatura regionalista, no Brasil, é uma engajada no compromisso de identificar as contradições que impediam a realização do sertanejo e os meios de superar essas contradições. “Um romance regionalista de temática social, que exprime uma preocupação com a cultura sertaneja numa época de grandes devastações ocorridas em decorrência da seca” (ALMEIDA; PEDROSO, 2010).

Os temas que Rachel de Queiroz abordou em sua obra, isto é, problemas sociais como a miséria, a fome, a relação do homem sem privilégios como os poderosos, os infortúnios sociais aparecem como problemas caracterizadores da literatura de viés regionalista.

A relação entre *O quinze* e sua realidade imediata com seus problemas, suas contradições demarcadas pela existência de um sertanejo que olha para o sul como espaço de salvação não é um aspecto desqualificador da obra, haja vista que, na visão de Afrânio Coutinho, por meio das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.” Ela tem existência própria, é ela e nada mais, e seu campo de ação e seus meios são as palavras e os ritmos usados por si mesmos e não como veículos de valores extra-literários” (COUTINHO, 1976, p. 10).

Essa condição exposta por Coutinho presentifica-se como diferencial caracterizador em *O quinze*. A autora apresenta um aspecto estético de uma vegetação seca e sem beleza, como se pode ler no seguinte trecho da obra: “Na terra desolada não havia sequer uma folha seca; e as árvores negras e agressivas como arestas de pedras; enristadas como o céu”. (QUEIROZ, 1970).

Com a desolação da primeira miséria no sertão nordestino, a vida de muitas famílias no foi se tornando trágica e a esperança descrente. No fundo dos sacos vazios, as migalhas de farinha eram juntadas para o pirão da noite e o ronco da barriga era o único barulho que se ouvia nos corredores das casas de Quixadá. O enredo acontece em dois planos, mas aos poucos vão se desfazendo dando lugar aos encontros inesperados dos personagens.

O quinze é um dos mais importantes romances regionalistas da segunda fase do modernismo; o problema que moveu a sensibilidade da autora nessa obra foi a seca e as consequências desta sobre o homem bem como as alternativas de superação que a realidade nordestina lhes ofereceu naquele momento tenso de 1915. A propósito, Barroso (2013, p. 61) opina que o “mundo da ficção se constrói com elementos da realidade”. No caso presente a realidade escolhida pela ficcionista foi o universo social, político e econômico do nordeste brasileiro: uma região que ela conhecia porque nasceu e viveu ali. “A romancista se apoia na análise psicológica dos personagens, sobretudo na natureza do homem nordestino, sob a pressão de forças atávicas e a aceitação fatalista do destino” (CANDIDO e CASTELLO, 1981, p. 236)

De viés realístico, o romance emprega a religiosidade como um aspecto da identidade regional desses conforme se verifica nas ações de D. Inácia e sua filha Conceição, desde o primeiro capítulo da obra, que se depara com a seca e a falta de chuva e entre orações e pedidos fortalece sua esperança. A fé explicitamente se faz presente nos dias sofridos e escaldantes do sertão nordestino.

Apesar de todas as dificuldades, o personagem de Chico Bento manifesta naturalmente uma generosidade com os seus, e os outros, pois, mesmo com o sofrimento da seca e as péssimas condições, o sertanejo ao longo do caminho reparte com os demais o pouco alimento que ainda resta. São atitudes que demonstram um caráter humano e ético. A regionalidade se estende durante todo o enredo de Rachel, partindo de um deslocamento migratório até a adaptação em outros estados.

Com seus recursos estilísticos, a autora apresenta aspectos sociais e econômicos que constroem o cenário do sertão tal como ele é. O homem oprimido que aparece na obra em questão é uma figura típica porque representa a massa dos imigrantes que, fugindo da seca, da exploração, da vergonha, buscam no sul ou simplesmente longe dali condições de existência que pudessem superar as contradições que os desumanizam em busca da liberdade e da dignidade. Ela supera seu caráter de regionalidade e se torna universal porque a liberdade é um valor que transcende o espaço geográfico imediato.

Os temas que Rachel de Queiroz abordou em sua obra, isto é, problemas sociais como a miséria, a fome, a relação do homem sem privilégios como os poderosos, os infortúnios sociais aparecem como temas e problemas caracterizadores da literatura em questão.

Retratar o regional e observar que as paisagens nordestinas não são verdes e belas, mas contam uma história de luta e dor, sentimentos esses, que são apresentados pela seca.

Essas constatações indicam que o ser humano interage com o meio social em que está inserido e, desta forma, procura solucionar os conflitos que afligem sua existência. A solução encontrada pelos personagens de *O quinze* não é de enfrentamento no sentido de mudar o mundo que os rechaça, ao contrário, eles abandonam esse mundo e se tornam retirantes, saindo em busca de outros territórios na própria pátria, onde acreditam que encontrarão trabalho e pão.

A miséria e o sofrimento abordados na obra trazem uma problemática que persiste nos dias de hoje, talvez não com a mesma intensidade, mas com o mesmo objetivo, ir a procura de melhores condições de vida. Um dos objetivos da literatura é usar os elementos do passado para expressar as ações cometidas atualmente. A obra *O Quinze* possui autenticidade e comprometimento com a realidade.

5. Considerações finais

Rachel de Queiroz e sua obra têm sido amplamente estudadas por inúmeros pesquisadores do fenômeno literário. A questão que se levanta a partir dessa constatação é quanto à importância que essa pesquisa pode ter, haja vista não se tratar de abordagem inédita.

Analisar uma obra é buscar em seus aspectos imanentes, isto é, em sua estrutura formal e em sua relação com o mundo os aspectos da realidade que ela traz ao lume. Neste caso, cada pesquisador tem um olhar que se diferencia em suas experiências, pela sua visão de mundo e suas leituras. Com isso, fica justificado o valor do presente estudo, mesmo havendo outras pesquisas sobre *O quinze*. Esclarecemos que nosso olhar certamente dará à luz novos enfoques ou, no mínimo, uma forma pessoal de ver a questão. Em uma época conturbada, o sertão nordestino enfrenta mais uma seca, a escassez da chuva, o solo seco se torna infértil para plantar, o gado morre por falta de alimento, e as famílias passam por dificuldades, decidindo emigrar para outras regiões em busca de sobrevivência.

Os problemas que a obra carrega em sua ênfase estética são a miséria e a fome decorrentes da seca. Vislumbramos, em razão disso, uma renovação estética, cujo viés ideológico nos leva a denominar de estética da fome, ou, mais profundamente, estética da dor que aparece na necessidade de abandonar a terra e os seus em busca de um destino incerto.

Quando falamos em estética da fome, estamos levantando uma questão que poucos estudiosos abordaram, pois estética pressupõe um mundo visto pelo âmbito da beleza. Damos,

portanto, uma noção nova ao que se concebe como estética e isso é mais um aspecto que justifica a presente pesquisa, pois acrescenta um dado novo a uma abordagem antiga.

6. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Maria do Socorro O. de ; PEDROSO, Francineide B. de Souza. A problemática do sertanejo na obra o quinze de Rachel de Queiroz .In. **Linguagens e entrecosques culturais língua, literatura e cultura brasileira**, 2010.

ARAÚJO, José Romero. **A seca de 1915**. O Girassol. Palmas: Disponível em: <http://www.ogirassol.com.br/opiniaio/a-seca-de-1915--por-jose-romero-araujo-cardoso>. Acesso em 10 dez 2015.

ARAÚJO, Kárita de Fátima; ANSELMO, Rita de Cássia Martins de Sousa. 1915: a seca e o sertão sob o olhar de Raquel de Queiroz. **Estudios históricos**, n. 3, 2009. Disponível em: http://www.estudioshistoricos.org/edicion_3/araujo-martins.pdf. Acesso em: 10 dez 2015.

BARRETO, Pedro Henrique. História - Seca, fenômeno secular na vida dos nordestinos. Revista Desafios do Desenvolvimento. 2009 . Ano 6 . Ed.48.**Disponível em:** http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1214:repostagens-materias&Itemid=39. Acesso em: 10 dez 2015.

BARROSO, Pereira Eloísa. Historia e Literatura: um percurso metodológico no estudo da cidade. **Miscelânea**, Assis, v.13, jan.-jun. p. 57-75, 2013.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

CANDIDO, Antonio, e CASTELLO. J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: Modernismo**. 8.ed.São Paulo: Difel,191.pgs.236-7.

CARDOSO, João Batista, história na ficção ou história e historicidade. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 10-11, 2007.

_____. CARDOSO, João Batista. **Uma Cruz no Sertão: história e mito em Canudos**. Goiânia: Editora América, 2014.

CAVALCANTE, Talita Lopes. **A grande seca do Nordeste**. Atualizado em 05 de novembro de 2015. Disponível em: <http://www.museudeimagens.com.br/grande-seca-do-nordeste/>. Acesso em 10 dez 2015.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

COUTINHO, Afrânio, e COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Niterói :UFF-Universidade Federal Fluminense, 1986, p.279 (nota de rodapé) .

GOMES, Renato Cordeiro. A obra de Ranchele de Queiroz. In: QUEIROZ, Ranchele de Queiroz. **Seleção**. Rio de Janeiro, livraria José Olympio Editora, 1976. p. 191-9

QUEIROZ, Ranchele. **O quinze**. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

_____. **O Quinze**. 33ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. **O quinze**. Ed. fac-similar-Brasília: Senado Federal, 2008.